

## ENSAIO SOBRE A PERTINÊNCIA DE UMA ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO

MUSSALIM, Fernanda<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste ensaio, empreendo uma reflexão acerca da pertinência da “Análise do discurso literário” proposta por Dominique Maingueneau. Nesse percurso, comento, fundamentalmente, pesquisas realizadas e orientadas/supervisionadas por mim junto ao grupo de pesquisa que lidero, o CED (*Círculo de Estudos do Discursos*), na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em especial no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, ao qual estou vinculada como docente permanente. Tais pesquisas permitiram, como será possível perceber, não apenas demonstrar a pertinência dessa Análise do discurso, mas ainda formular novas hipóteses, estabelecendo novas pontes e invadindo novos espaços.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso literário. Discurso Constituinte. Paratopia. Funcionamento de autoria. Imagem de autor.

Na primeira vez em que me deparei com a proposição de uma Análise do discurso literário, sou-me estranha a ideia. Li esse sintagma como sendo a associação de uma área (a Análise do Discurso) a um *corpus* específico de análise (o literário), algo que permitiria a proliferação de caracterizações como Análise do discurso jornalístico, Análise do discurso político... e assim por diante. Entretanto, quando efetivamente passei à leitura do livro *Discurso literário* ([2005] 2006) de Dominique Maingueneau, percebi que minha primeira impressão estava equivocada.

Logo na primeira parte do livro, o autor delimita fronteiras que demarcariam uma forma específica de tratamento do texto literário, configurando-a como uma abordagem discursiva, que não se confunde, entretanto, nem com uma teoria da recepção (cuja proposta é integrar as obras literárias em dispositivos de comunicação organizados a partir da posição de

---

<sup>1</sup> Linguista, Professora Titular do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-UFU); e líder do grupo de pesquisa *Círculo de Estudos do Discurso* (CED-UFU/CNPq-[www.grupoced.com.br](http://www.grupoced.com.br)). É bolsista *Produtividade em Pesquisa* do CNPq, desenvolvendo pesquisas na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso e interface com as Neurociências. Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro às minhas pesquisas. Homepage: [www.fernandamussalim.com.br](http://www.fernandamussalim.com.br). E-mail: [fmussalim@gmail.com](mailto:fmussalim@gmail.com).

leitura), nem com a reflexão sobre a intertextualidade que se desenvolve a partir dos anos de 1960 e que faz eco aos estudos bakhtinianos (a exemplo dos estudos de Genette), para citar apenas dois exemplos. A “Análise do discurso literário”, proposta por Dominique Maingueneau, inscreve-se no interior do campo da Análise do discurso de linha francesa, assumindo, pois, seus pressupostos (dentre eles, o de que a enunciação literária não escapa à órbita do direito, isto é, das questões de legitimidade de sua emergência/existência; de sua institucionalidade; de sua autoridade) e suas problemáticas (como a da relação inextricável entre as condições de produção do discurso literário e sua produção/enunciação). Nos termos do autor:

Fala e direito à fala se entrelaçam. De onde é possível vir legitimamente a fala, a quem pretende dirigir-se, sob qual modalidade, em que momento, em que lugar – eis aquilo a que nenhuma enunciação pode escapar. E o escritor sabe disso melhor do que qualquer pessoa, ele cujo discurso nunca acaba de estabelecer seu direito à existência, de justiciar o injustificável de que procede e que ele alimenta desejando reduzi-lo. A obra só pode desenvolver *seu* mundo construindo nesse mesmo mundo a necessidade desse desenvolvimento. (MAINGUENEAU, 2006, p. 43)

Essa delimitação das fronteiras de sua especificidade, apesar de esclarecedora, não foi suficiente para eliminar minha impressão de que o sintagma “Análise do discurso literário” apenas associaria uma área de conhecimento a um *corpus* de análise. Mas bastou prosseguir na leitura para que essa hipótese caísse por terra. A proposta do autor de que o discurso literário tem uma natureza constituinte foi o divisor de águas que abriu todo um campo de investigações e que permitiu fazer jus a sua proposta de uma “Análise do discurso literário”. Configurada como uma espécie de subárea da Análise do discurso de linha francesa, na medida em que assume seus pressupostos e problemáticas, também propõe, em função da especificidade do funcionamento dos discursos de natureza constituinte, toda uma nova rede conceitual que iluminará a abordagem de outros discursos de natureza constituinte (como o filosófico, o religioso e o científico) e enriquecerá o quadro teórico-metodológico postulado por Maingueneau para a análise do discurso em geral (em especial, em *Gênese dos Discursos*, [1984] 2008), permitindo associações muito robustas entre conceitos formulados no interior de duas obras distintas, a exemplo da associação realizada por Figueira (2021)<sup>2</sup> entre a noção

---

2 Pesquisa orientada por mim e desenvolvida no Grupo de Pesquisa que lidero, o *Círculo de Estudos do Discurso* (CED-UFU/CNPq), cujo resultado foi a Tese de Doutorado (FIGUEIRA, 2021) defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia. Agradeço à CAPES pelo financiamento da referida pesquisa.

de *posicionamento no campo discursivo* (MAINGUENEAU, 2008) e *posicionamento na interlíngua* (MAINGUENEAU, 2006).

A expressão “discurso constituinte” refere-se a discursos que se propõem como “discursos de Origem”, a discursos que têm a pretensão de fundarem-se como “xamânicos”, como se mantivessem relação direta com a Fonte de onde lhes vem a enunciação (DEUS, no caso do discurso religioso; O BELO, no caso do literário; a RAZÃO, em se tratando de discurso filosófico; o MÉTODO, no caso do científico), negando, assim, que se constituem, como os discursos comuns, a partir da relação de interdiscursividade com outros discursos. Os discursos constituintes são zonas de fala de uma sociedade que se pretendem superiores a todas as outras; têm a seu cargo o *archeion* de uma coletividade e, por isso, conferem sentido aos atos dessa coletividade (por exemplo, o jornalista, ao escrever sobre um debate social, recorre à autoridade do teólogo, do escritor, do filósofo, do cientista). Os discursos constituintes realizam o trabalho de elaboração da memória, levado a cabo por um corpo de *locutores consagrados* que gere esses discursos, que são, ao mesmo tempo, autoconstituintes (discursos que se constituem tematizando sua própria constituição) e heteroconstituintes (por desempenharem papel constituinte com relação a outros discursos).

A atribuição desse estatuto de constituinte ao discurso literário (aspecto amplamente explorado em *Discurso literário*, 2006) abriu frente para pesquisas que se debruçaram sobre o campo e o texto literários, em busca de testar a produtividade da proposta de Maingueneau em diferentes *corpora* de análise – de diferentes épocas e contextos. Mais que isso, entretanto, possibilitou também o desenvolvimento de pesquisas realizadas em torno de outros discursos constituintes – aqueles já reconhecidos por Maingueneau como tal, mas não tão explorados ainda<sup>3</sup>, e outros, como a prática literomusical brasileira, que, segundo Costa (2012), adquiriu no Brasil um estatuto de discurso constituinte.

Uma das características atribuídas a discursos de natureza constituinte, dentre eles o literário, é a paratopia. Aquele que enuncia no âmbito de um discurso constituinte tem de haver-se com uma localidade paradoxal: não se situar nem no exterior, nem no interior da sociedade. Não se trata da ausência de um lugar, mas de uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar: “sem localização, não há instituições que permitam legitimar e gerir a produção e o consumo de obras, mas sem deslocalização, não há verdadeira ‘constituência’”

---

3 A título de destaque, faço menção à Tese de Doutorado de Baptista (2022), acerca da constituência do discurso religioso, desenvolvida e defendida na Pontifícia Universidade de São Paulo sob a orientação do Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

(MAINGUENEAU, 2006, p. 68). O literato, por exemplo, retira vida dessa paratopia, que se manifestou em diferentes modalidades ao longo dos tempos e em função das diferentes sociedades (os menestréis nômades da Antiguidade; os boêmios do Romantismo, por exemplo). Entretanto, não obstante suas diferentes facetas, há nela um funcionamento universal: a paratopia é condição e produto do processo criador. Nos termos de Maingueneau (2006, p. 119): a “paratopia do escritor, na qualidade de condição da enunciação, também é seu produto; é por meio da paratopia que a obra pode vir à existência, mas é também essa paratopia que a obra deve construir em seu próprio desenvolvimento”.

Pesquisas relevantes foram desenvolvidas no Brasil tendo como temática central a questão da paratopia do criador, mas me deterei aqui a comentar pesquisas (em torno dessa temática e de outras relacionadas) que foram desenvolvidas sob minha orientação/supervisão, dando destaque àquilo que julgo serem contribuições efetivas e que, em última instância, foram me “convencendo” da pertinência de uma “Análise do discurso literário”.

A pesquisa desenvolvida por Rodrigues (2015)<sup>4</sup> sobre jornalistas literatos (autores de literatura consagrados vindos do campo do jornalismo) mobilizou os conceitos de *paratopia criadora* e *ritos genéticos*, a fim de esclarecer a respeito das normas e renormalizações, das técnicas, dos gêneros da atividade de trabalho, enfim, de todo um conjunto de procedimentos que permitiram considerar o trabalho desses atores sociais de forma desvinculada dos estereótipos “do escritor como o artista tocado pela inspiração” e da “escrita literária como forma de superar as limitações impostas ao exercício do jornalismo pelos modos de produção contemporâneos”. Um dos resultados relevantes da pesquisa foi o esclarecimento a respeito do modo de ser paratópico dessa comunidade discursiva específica, a saber, a de jornalistas literatos.

Outra pesquisa que mobiliza de maneira central a noção de paratopia criadora e que dá visibilidade à produtividade desse conceito foi a desenvolvida por Figueira (2015)<sup>5</sup>, em que são analisadas as práticas discursivas do cantor e compositor Raul Seixas (na esteira de Costa (2012), que concebe o discurso literomusical brasileiro como um discurso constituinte), a fim de verificar o modo de constituição da paratopia em/por meio de sua obra e de que forma essa

---

4 Marília Giselda Rodrigues desenvolveu, em um pós-doutorado (2014-2015) supervisionado por mim, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o projeto intitulado *Jornalistas literatos: uma paratopia criadora. Perscrutando relações entre escrita literária, escrita jornalística e atividade de trabalho*.

5 Pesquisa orientada por mim e desenvolvida junto ao CED, cujo resultado foi a Dissertação de Mestrado (FIGUEIRA, 2015) defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia, em 2015. Agradeço à CAPES pelo financiamento da referida pesquisa.

paratopia é gerida pelo posicionamento do cantor/compositor no campo discursivo em que ele se inscreve. As análises demonstraram que a paratopia do autor/compositor advém da reivindicação e/ou anunciação de um tempo e um espaço transcendentem e metafísicos, que estão além da própria enunciação. Mais que isso, permitiram perceber a viabilidade de se abordar o discurso literomusical a partir de categorias teóricas delimitadas, a priori, para o discurso literário.

O trabalho de orientação/supervisão dessas (e de outras) pesquisas foi tornando bastante evidente para mim que a noção de paratopia está inextricavelmente vinculada à noção de autoria, ou melhor, de funcionamento de autoria, conceito nuclear na proposta da “Análise do discurso literário” delineada por Dominique Maingueneau (2006). A centralidade da problemática do funcionamento da autoria é decorrente, a meu ver, do posicionamento teórico do autor de considerar os textos literários como eventos enunciativos e, assim sendo, a ênfase de sua abordagem não poderia recair sobre o texto literário enquanto obra acabada (o texto para ele é uma prática discursiva, uma forma de gestão do contexto<sup>6</sup>), nem tampouco sobre a tipologia textual (uma autobiografia escrita por um autor consagrado do campo literário é literatura ou não? É ficção ou não? O conjunto de correspondências de um literato consagrado é literatura?). A abordagem proposta por Dominique Maingueneau desloca essa questão, de natureza tipológica, para outra, de natureza funcional, uma vez que considera a existência de espaços de funcionamento da autoria; de regimes de enunciação literária distintos; e de diferentes funções enunciativas.

Coordenei dois projetos (que abrigharam minhas próprias pesquisas e as de alguns orientandos, algumas delas já referidas aqui), financiados pelo CNPq (2013-2016<sup>7</sup>; 2016-

---

<sup>6</sup> A pesquisa de Rodrigues (2009), orientada por mim e desenvolvida junto ao CED, cujo resultado foi a Dissertação de Mestrado defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia, dá ampla visibilidade a esse postulado de que o texto é uma forma de gestão do contexto. O *corpus* analisado consiste no único romance de Oscar Wilde - *The Picture of Dorian Gray* -, publicado em 1890, do qual são recortados cenografias construídas no/pelo romance e dizeres da personagem Lord Henry, em especial os proferidos nas conversas com Dorian Gray. O conceito de *ethos*, central no trabalho, foi abordado a partir do enfoque nos traços que o constituem, o que possibilitou que se sustentasse a hipótese de que a construção do *ethos* da personagem Lord Henry decorre dos traços semânticos característicos de seu posicionamento hedonista no romance. Mais que isso, essa abordagem a partir de traços permitiu relacionar o posicionamento hedonista da personagem ao posicionamento esteto-decadentista de Oscar Wilde no campo literário, mas sem assumir o pressuposto de que a obra é reflexo da vida do autor. Diferentemente, a pesquisa assume que o texto literário é uma forma de gestão do contexto ou, em outras palavras, que o autor gere seu posicionamento no campo literário, dentre outros modos, por meio da prática discursiva do romance. Agradeço à FAPEMIG pelo financiamento da pesquisa.

<sup>7</sup> Projeto intitulado *Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade* (Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPQ, Processo n. 305348/2012-4).

2019<sup>8</sup>), que mobilizaram de maneira central a noção de funcionamento da autoria, tal como postulada por Maingueneau. No primeiro desses projetos, me propus a analisar parte da produção epistolar de Mário de Andrade, mais especificamente, as cartas que ele escreveu a Manuel Bandeira entre os anos de 1922 e 1944, com o intuito de verificar os modos pelos quais se dá o imbricamento entre as três instâncias autorais postuladas por Maingueneau (2006), a saber, *a pessoa, o escritor e o inscridor*. O desenvolvimento deste projeto me permitiu demonstrar, com certa exaustividade, a produtividade de se considerar o funcionamento da autoria a partir da perspectiva de um sujeito-autor que se inscreve no campo literário e produz textos dos domínios canônico (romance, conto, poema, etc.) e associado (cartas, prefácios, críticas, etc.), não se tratando mais, pois, de buscar esclarecer se um texto (como a carta de um autor consagrado) é literário ou não, mas de analisar a prática discursiva de um autor, verificando de que maneira as instâncias da *pessoa* (que diz respeito ao indivíduo dotado de um estado civil, de uma vida privada), do *escritor* (que designa o ator que define uma trajetória na instituição literária) e do *inscridor* (que se refere às formas de subjetividade enunciativa implicadas no texto e no gênero do discurso) se misturam, se apagam, se intersectam em suas produções (MUSSALIM, 2016, 2018a).

A pesquisa desenvolvida por Gonçalves (2013)<sup>9</sup> também privilegia a análise de práticas discursivas do campo literário, rompendo com abordagens tipológicas e valorativas da literatura. A autora analisou o documentário *J. K. Rowling... A Year in the Life* do cineasta James Runcie. O documentário foi tomado como uma produção do quadro hermenêutico que coloca em cena, por meio de cenografias, depoimentos de J. K. Rowling, que, por sua vez, fazem parte das produções do espaço associado dessa autora. As análises demonstraram que a articulação entre essas duas instâncias – a do quadro hermenêutico dos comentaristas (no caso, o próprio documentário) e a do espaço associado de produção da autora (no caso, seus depoimentos inseridos no documentário) – ajudaram a construir uma lenda em torno da autora J. K. Rowling. Esse tipo de gestão é típico do modo de funcionamento do campo literário, o que permitiu à pesquisadora concluir que, a despeito de questões estéticas valorativas frente à obra de J. K. Rowling, a prática de gestão de um best-seller da literatura de mercado e da imagem de sua autora funciona nos mesmos moldes que a prática discursiva de gestão da

---

8 Projeto intitulado *Processos editoriais e institucionais de gestão da imagem de autor: em pauta a identidade criadora de Mário de Andrade* (Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, Processo n. 310494/2015).

9 Pesquisa de Iniciação Científica orientada por mim e desenvolvida junto ao CED, no âmbito da Graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Agradeço ao MEC pelo financiamento da referida pesquisa.

literatura de vanguarda e da imagem de seus autores. Nesse sentido, de uma perspectiva discursiva, a questão do que é ou não é literatura, cuja resposta se dá em torno da qualidade ou não de uma obra, não se sustenta, uma vez que o que está em cena é a questão do funcionamento discursivo, e não do valor estético atribuído a obras e autores.

As pesquisas de Souza Júnior (2018, 2020) também se debruçaram sobre a problemática da prática discursiva, mais especificamente sobre o funcionamento da autoria em cartas de autores consagrados, respectivamente, do campo literário e dos campos filosófico, religioso e científico, vinculando tal abordagem às noções de paratopia e embreantes paratópicos (categorias de natureza discursiva, como a cenografia, o *ethos*, o posicionamento na interlíngua, que ancoram a enunciação nas condições de produção). Em Souza Júnior (2018)<sup>10</sup>, foi analisado um conjunto de cartas privadas (publicadas em uma coletânea) trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, no período entre 1924 e 1930, a fim de demonstrar que a essa *cena genérica* (carta) funciona como um embreante paratópico, ampliando, assim, a lista de embreantes paratópicos postulada por Maingueneau. Em Souza Júnior (2020)<sup>11</sup>, foram analisadas cartas privadas de Freud, Sêneca e John Wesley, autores consagrados, respectivamente, dos campos científico, filosófico e religioso, a fim de verificar a produtividade do conceito de embreagem paratópica para outros discursos constituintes, além do literário.

A pesquisa desenvolvida por Rodrigues (2014)<sup>12</sup> também mobiliza a noção de funcionamento da autoria, atrelando-a, entretanto, à construção da “imagem de autor” (conceito formulado por Maingueneau, 2010), considerando-as de maneira imbricada. Analisando o manuscrito *De Profundis* de Oscar Wilde (em especial buscando explicar como se dá o imbricamento entre as instâncias da *pessoa*, do *escritor* e do *inscritor*), bem como prefácios de sua obra e críticas dirigidas a Wilde, a pesquisadora demonstrou, por meio de suas análises, que a construção da “imagem de autor” de Oscar Wilde se deu de diferentes

---

10 Pesquisa orientada por mim e desenvolvida junto ao CED, cujo resultado foi a Tese de Doutorado (SOUZA JÚNIOR, 2018) defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia. Agradeço à CAPES pelo financiamento da referida pesquisa.

11 Manuel José Veronez Souza Júnior desenvolveu, em um pós-doutoramento (2018-2020) supervisionado por mim, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o projeto intitulado *Uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico: em pauta as cartas privadas de Freud, Sêneca e John Wesley*. Agradeço à CAPES pelo financiamento da referida pesquisa.

12 Pesquisa orientada por mim e desenvolvida junto ao CED, cujo resultado foi a Tese de Doutorado (RODRIGUES, 2014) defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia. Agradeço à FAPEMIG pelo financiamento da referida pesquisa.

maneiras em diferentes contextos (enquanto ainda era vivo, após sua morte, no momento de surgimento do Movimento Queer), e que as diferentes “imagens de autor” construídas decorreram do modo como os comentadores/interventores enfatizaram e/ou apagaram uma ou outra instância de sua autoria (a *pessoa*, o *escritor*, o *inscritor*).

O outro projeto, coordenado por mim e já referido anteriormente, também coloca em cena a relação entre funcionamento de autoria e “imagem de autor”. Nele, busquei verificar, a partir da análise de várias ações editoriais e institucionais que se deram em torno da obra e da figura de Mário de Andrade em 2015 (por ocasião dos 70 anos de morte do escritor e às vésperas de sua obra entrar para o domínio público), o modo como se deu a construção de sua “imagem de autor”. Segundo Maingueneau (2010, p. 144), “a imagem de autor é elaborada na confluência de seus gestos e de suas palavras de um lado, e das palavras dos diversos públicos que, a títulos diferentes e em função de seus interesses, contribuem para moldá-la”. No caso do discurso literário, que se funda ligado a uma longa gestão da memória, a “imagem de autor” não cessa quando morrem os escritores, especialmente quando se trata de autores valorizados, cujas obras são incessantemente comentadas. Nessa perspectiva, os comentadores e as decisões de interventores posteriores

contribuem para constituir uma obra, quando não a fabricam com todas as peças. Para fazê-lo, devem basear-se numa determinada imagem de autor, e, mediante sua atividade editorial, vão modificá-la. A partir do momento que uma decisão editorial institui um auctor [autor enquanto correlato de uma obra], é elaborada uma imagem de autor. (MAINGUENEAU, 2010, p. 144)

Apesar de este ter sido o conceito central mobilizado para o desenvolvimento desse projeto, o conjunto de fenômenos observados no *corpus* de análise colocou em cena várias outras problemáticas que, de forma adjacente, foram consideradas. O lançamento de textos em novos formatos (como é o caso de obras já impressas que foram postas a circular em e-books, bem como o de crônicas inicialmente publicadas em jornal impresso e que foram disponibilizadas em um acervo online, e o da crônica *Será o Benedito!*, publicada em jornal e posteriormente em livro) implicou reflexões em torno de questões relacionadas aos mídiuns<sup>13</sup>

13 Maingueneau (2006, p. 212) afirma que, “para tornar pensável o surgimento de uma obra, sua relação com o mundo no qual surge, não podemos separá-la de seus modos de transmissão e de suas redes de comunicação. [...] A transmissão do texto não vem depois de sua produção; a maneira como um texto se institui materialmente é parte integrante de seu sentido”. Assim, na esteira da midiologia proposta por Régis Debray (1991, p. 197), que a define como sendo “o estudo das mediações através das quais ‘uma ideia se torna força material’”, Maingueneau propõe que se reintroduza, no estudo do discurso, a consideração dos suportes por sob a impressão e das redes por sob as mensagens, de modo a devolver ao ato discursivo seus materiais. Nesse sentido, entra no horizonte *Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan-jun, 2022-ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 1* 72

e à valência interna dos gêneros do discurso<sup>14</sup>. A adaptação de uma obra do autor de um gênero a outro (como é o caso da adaptação do romance *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* para uma graphic novel) põs em cena, ainda, questionamentos em relação à autoria em processos de adaptação (como ocorre também em *Será o Benedito!*, crônica ilustrada por Odilon Moraes) e em relação às novas comunidades discursivas<sup>15</sup> que se constituíam em torno da nova prática discursiva. Assim sendo, a questão que busquei responder ao longo do desenvolvimento deste projeto foi a seguinte: Em que sentido e de que maneira os diversos processos editoriais (lançamentos, (re)lançamentos, edições especiais, compilações, adaptações) e as diferentes problemáticas a eles associadas (mídiums, valência dos gêneros do discurso, constituição de comunidades discursivas, etc.) co-constroem uma “imagem de autor”? Essa questão está, em última instância, relacionada à problemática da circulação dos discursos/textos, uma vez que culmina na reflexão de como os modos e meios de circulação afetam a produção de sentidos – considerando que a construção de “imagem de autor” é, em alguma medida, uma construção de leitura e, assim sendo, está relacionada à produção de sentidos.

O desenvolvimento desse projeto me permitiu perceber o quanto a “Análise do discurso literário” esbarra em conceitos (mídium, gênero do discurso, comunidade discursiva, *ethos*<sup>16</sup>, etc.) que dizem respeito à análise de discursos em geral, mas também aciona

---

dos estudos do discurso a problemática dos contextos de difusão e circulação dos textos, isto é, de suas formas de existência social.

14 Maingueneau (2015, p. 71) define por valência interna do gênero do discurso “o conjunto dos modos de existência comunicacional de um texto, que são historicamente variáveis”. Um exemplo dado pelo próprio autor, em relação à homilia do programa de TV católico dominical *Le jour du Seigneur (O dia do Senhor)*, transmitido nas manhãs de domingo pelo canal público *France 2*, pode esclarecer o conceito: a homilia é, ao mesmo tempo, “um texto escrito com ajuda de um processador de texto e copiado em uma impressora; para os fiéis presentes, uma apresentação oral no interior de um gênero de discurso mais amplo, no caso a missa; para os telespectadores, uma parte de um programa de televisão. Mas é também: um vídeo que fica à disposição dos internautas durante alguns dias no *site* do programa, hospedado no *site* do canal de TV; um texto escrito, arquivado no mesmo *site*, que pode ser lido na tela ou impresso”.

15 Considerando o quadro teórico apresentado em *Gênese dos discursos* por Dominique Maingueneau, o conceito de comunidade discursiva pressupõe que a passagem de um discurso a outro implica mudanças não apenas nos funcionamentos textuais, mas também na estrutura e no funcionamento dos grupos que gerem esses discursos; em outras palavras, os modos de organização dos homens e de seus discursos são indissociáveis. A noção de comunidade discursiva caracteriza um conjunto de enunciadores, incluindo não apenas aqueles que são responsáveis pela produção textual, mas também os que participam de toda a rede de elaboração, difusão, consumo, etc.

16 Mussalim e Rezende (2019) associam, a partir da análise de trechos de matérias publicadas na mídia online brasileira a respeito da homenagem que a FLIP 2015 fez a Mário de Andrade, dois conceitos postulados por Dominique Maingueneau – o de *ethos* discursivo e o de “imagem de autor” –, a fim de enfatizar a produtividade decorrente da atitude investigativa de se conjugarem, em uma abordagem, conceitos forjados separadamente no interior de um quadro teórico. As análises empreendidas permitiram demonstrar que o *ethos* do enunciador (no caso, jornalistas) afeta a “imagem de autor” que é construída de Mário de Andrade nesses/por meio desses textos.

problemáticas muito específicas (paratopia, imagem de autor, funcionamento de autoria etc.) que justificam sua pertinência e que acabam por lançar luzes sobre outras produções discursivas não propriamente literárias. A título de exemplo, uma pesquisa que testemunha esse entrelaçamento e a produtiva contribuição de mão dupla entre a *Análise do discurso* e a “*Análise do discurso literário*”, destaco o trabalho de Gonçalves (2016)<sup>17</sup>. A autora analisou o funcionamento da comunidade discursiva constituída em torno das *fanfictions*, mais especificamente, as práticas discursivas de *ficwriters* (produtores de *fanfictions*), leitores, *betareaders* (revisores de *fanfictions*) e *webmistresses* (administradores dos sites ou blogs que publicam *fanfictions*). A pesquisa buscou, dentre outras coisas, analisar como e em que medida os *ficwriters* lidam com os manuais de *fanfictions*, sob a hipótese de que os manuais são uma forma de institucionalizar os signos de pertencimento à referida comunidade – aos moldes do que ocorre no campo literário, com os manifestos e as diretrizes estético-doutrinárias dos movimentos. Ao mesmo tempo, também apresentou contribuições relevantes à “*Análise do discurso literário*”, dentre elas, a de que a noção de comunidade discursiva é um conceito bastante produtivo para analisar fenômenos que não se submetem a noções tão previamente institucionalizadas como a de campo discursivo.

As pesquisas que comentei neste ensaio – a sua grande maioria desenvolvida junto ao grupo de pesquisa que lidero, o CED (*Círculo de Estudos do Discurso*), e no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – foram desenvolvidas a fim de verificar a produtividade da “*Análise do discurso literário*”, tal como delineada por Dominique Maingueneau. Entretanto, se tais pesquisas se iniciaram com esse intuito, não se limitaram a isso: formularam e testaram novas hipóteses; estabeleceram novas pontes; invadiram outros espaços. Quando um quadro teórico possibilita isso, não há como ignorar sua pertinência.

---

17 Pesquisa orientada por mim e desenvolvida junto ao CED, cujo resultado foi a Dissertação de Mestrado (GONÇALVES, 2016) defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia. Agradeço à CAPES pelo financiamento da referida pesquisa.

## Referências

BAPTISTA, Carlos Alberto. “A voz de um anjo sussurrou no meu ouvido”: fundação e legitimação do discurso religioso. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022. (Bolsista CAPES)

COSTA, Nelson Barros da. *Música popular, linguagem e sociedade: analisado o discurso literomusical brasileiro*. Curitiba: Appris, 2012.

DEBRAY, Régis. *Cours de médiologie générale*. Paris: Gallimard, 1991.

FIGUEIRA, Bruno de Sousa. *O (im)possível lugar na obra de Raul Seixas: a constituição de uma paratopia*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015. (Bolsista CAPES) Link de acesso: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15486>

FIGUEIRA, Bruno de Sousa. *Posicionamento na interlíngua(gem): processos de constituição do código de linguagem do Movimento Tropicalista*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2021. (Bolsista CAPES) Link para acesso: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32798>

GONÇALVES, Pollyanna Zati Ferreira. *Literatura de mercado: os ritos genéticos de Harry Potter e a construção da lenda*. Relatório Iniciação Científica. (Graduação em Letras). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2013. (Bolsista MEC - Ministério da Educação e Cultura)

GONÇALVES, Pollyanna Zati Ferreira. *O funcionamento da comunidade discursiva constituída em torno das fanfictions*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016. (Bolsista CAPES) Link para acesso: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17750>

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2006. (Data do original: 2005)

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Data do original: 1984)

MAINGUENEAU, Dominique. Imagem de autor: não há autor sem imagem. \_\_\_\_\_. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Organização Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 139-156

MUSSALIM, Fernanda. *Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade*. Relatório de Pesquisa. Brasília: CNPq, 2016. (Processo n. 305348/2012-4)

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso literário: o funcionamento da autoria na produção epistolar de Mário de Andrade. *Domínios de Lingu@gem*, v. 12, p. 581-603, 2018a.

MUSSALIM, Fernanda. *Processos editoriais e institucionais de gestão da imagem de autor: em pauta a identidade criadora de Mário de Andrade*. Relatório de Pesquisa. Brasília: CNPq, 2019. (Processo n. 310494/2015)

MUSSALIM, Fernanda. Processos editoriais e institucionais de gestão da obra e da “imagem de autor” de Mário de Andrade. In: FREITAS, E. C.; BURLAMAQUE, F. V., RETTENMAIER, M. (Org.). *Leitura, Literatura e Linguagens: novas topografias textuais*. São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2018b. p. 46-64.

MUSSALIM, Fernanda; REZENDE, Breno Rafael M. P. R. O *ethos* como instância constitutiva da construção da “imagem de autor”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 61, p. 1-10, 2019.

RODRIGUES, Kelen Cristina. *Cenografia, ethos e autoria: uma abordagem discursiva do romance The Picture of Dorian Gray*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (Bolsista FAPEMIG) Link para acesso:

<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15353>

RODRIGUES, Kelen Cristina. *Por uma análise do discurso literário: funcionamento da autoria em Oscar Wilde e construção de imagem de autor*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014. (Bolsista FAPEMIG) Link para acesso:

<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15299>

RODRIGUES, Marília Giselda. *Jornalistas literatos: uma paratopia criadora*. Perscrutando relações entre escrita literária, escrita jornalística e atividade de trabalho. Relatório de Pesquisa (Pós-doutorado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

SOUZA JÚNIOR, Manuel José Veronez de. *A carta privada de autores consagrados do campo literário: uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018. (Bolsista CAPES) Link para acesso: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/22487>

SOUZA JÚNIOR, Manuel José Veronez de. *Uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico: em pauta as cartas privadas de Freud, Sêneca e John Wesley*. Relatório de Pesquisa (Pós-doutorado em Estudos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2020.

## ESSAY ON RELEVANCE OF A LITERARY DISCOURSE ANALYSIS

**ABSTRACT:** This essay aims to build a reflection on the relevance of the “Literary discourse analysis”, as coined by Dominique Maingueneau. Along my considerations, I make comments *Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan-jun, 2022-ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 1* 76

on research carried out in the Research Group that I lead (CED - *Círculo de Estudos do Discurso/Discourse Studies Circle*) at Federal University of Uberlândia (UFU), especially those works linked to the Graduate Program in Linguistic Studies (PPGEL). Such works have allowed not only to demonstrate the relevance of this discourse analysis perspective, but also to formulate new hypotheses, establishing new connections and expanding to new spaces.

**KEYWORD:** Literary discourse analysis, constituent discourse, paratopy, authoring functionality, author image.